

P A S S O S
V I R T U A L S
emanuel dimas de melo pimenta
1 9 9 4

também conferência
no âmbito das actividades
de Lisboa Capital Europeia da Cultura
Estoril - Lisboa, Portugal 1994
Passos Virtuais
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: Passos Virtuais
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 1994

Filosofia, estética
editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meio, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Jacques Ruffié descreve de maneira brilhante como moléculas, após adquirirem a capacidade de auto reprodução – que significa, em última instância, uma forma de auto organização – se agrupam em macro moléculas especializadas formando aquilo que conhecemos como *células*.

Depois, num próximo passo, tais células se reagrupam, gerando *superindivíduos*.

Assim, um *superindivíduo* se reagrupa em sociedades.

As sociedades tenderiam a se especializar e se reagrupar novamente.

Na verdade, essa é a *leitura* pelo avesso feita por Lewis Thomas quando, magnificamente, nos descreveu o ser humano como sendo formado por colónias dentro de outras colónias vivas.

Não accidentalmente utilizei o termo *passo* quando me referi à transição entre um sistema molecular para o celular.

A palavra *passo* indica em si um critério discreto, teleológico e hipotático - como a linha de montagem de uma indústria.

Da mesma forma, referimo-nos à cultura, geralmente, como sendo algo estanque, departamentalizado e distribuído em disciplinas isoladas e bem determinadas.

Ou, ainda – sob uma abordagem francamente etnológica – tratamos de um conjunto de costumes e usos encerrados numa determinada *geo-grafia*, uma *escritura da terra*.

A palavra *cultura* lança a sua raiz etimológica no Indo Europeu **kwol* – palavra pré-histórica que indicava a ideia de *andar em torno de* alguma coisa. Isto é: significava a ordem do caçador, do predador, do envolvimento, da armadilha.

Uma ideia de cercar a presa, com cuidado e atenção, caminhando *em torno dela*. Tal como admirar o discóbolo de Míron... o imprevisível momento que antecede o ataque.

Momento congelado.

O incerto momento que antecede o conhecimento, que é anterior à consciência especializada do fenómeno. Momento que ainda é o conjunto total que incorpora o seu objecto.

Por essa via, na sua origem, o sentido da palavra *cultura* ainda não ocultava o seu conjunto, ou melhor: ainda não operava sob uma lógica de *figura e fundo*.

Tudo estava integrado e interdependente num sentido que só se tornou relativamente acessível a nós após compreendermos a lógica da termodinâmica, os princípios da turbulência, a Teoria das Catástrofes de René Thom e o universo fractal.

Assim, terão sido necessários milhares de anos para que pudéssemos compreender um simples passo no mundo cognitivo.

O estado da *cultura* é, assim, algo muito mais amplo e abrangente que o estado de uma instituição, de um país, de uma cidade ou mesmo da noção isolada do indivíduo – embora este último possa significar uma forte evidência daquele primeiro, pois cultura é linguagem, no seu sentido mais amplo, mais profundo e em todas as suas instâncias.

Assim, não é possível a ideia de linguagem separada da ideia de interacção.

Ou, ainda, não é possível a existência de uma ideia isolada de outras ideias.

A palavra Grega *ethos* – que significava conjunto de hábitos e costumes de uma determinada sociedade – gerou a palavra *ética*.

O que acontece, entretanto, quando não existe mais *uma* sociedade específica?

O que acontece quando, através dos nossos sistemas interactivos de comunicação, ampliamos o nosso *ethos* a uma escala global?

Tudo isso significa que transitamos de um conceito de *ethos* especializado para outro, integral e dinâmico.

Quer dizer: passamos a um estado de transição entre um sistema estruturado por diferentes *ethos* e outro constituído por um *super ethos*. Um *ethos* global.

A antiga *ética* deixa de existir e surge a *aparência* de algo que muitas vezes é assumido como o fim da própria *ética*, um resquício paleontológico numa transição não linear.

Por isso, mencionei o termo *passo* quando referia a formação de *superindivíduos*, ou a ideia de sermos um contínuo estado de transição entre colónias de seres vivos – distribuídos e auto organizados nas mais diversas escalas.

O fim do Paleolítico Superior representou a estruturação do ser humano em outra categoria de *superindivíduo*: a cidade.

O fio condutor dessa transformação foi a invenção do alfabeto fonético, com o papiro e o pergaminho. Isto é: a criação de um artefacto que fundiu o olho e o ouvido.

Durante alguns milhares de anos um *superindivíduo*, como referido por Jacques Ruffié, não possuia um meio conector de informação suficientemente eficiente que o permitisse se reagrupar novamente, gerando outro *superindivíduo*.

Por isso as guerras tribais – produzidas pela falta do meio conector representado pelo alfabeto fonético – deram lugar às guerras entre as cidades.

O primeiro embrião do novo *superindivíduo* gerado pela cidade foi o Estado moderno – ainda tendo como conteúdo o exército e a igreja, ambas formações típicas do Neolítico.

A forma mais avançada alcançada pelo novo *superindivíduo* da era mecânica e literária foram os conglomerados empresariais.

Tais conglomerados, ou *mega-empresas*, ultrapassam cidades, Estados ou mesmo pessoas, além de serem constituídos por centros de inteligência dispostos em diversos níveis.

Assim, as guerras passaram gradualmente a ser comerciais.

Mas, os sistemas interactivos de comunicação, tais como o telefone, o fax, os vários tipos de discos compactos áudio ou visuais, os micro-computadores pessoais e o uso intensivo de satélites de comunicação, constituíram um poderoso sistema de conexão informacional produzindo um novo *superindivíduo*, traduzido por uma galáxia de nanodecisões.

Ainda contamos, no final do século XX, com uma forma embrionária, estruturada a partir do fenómeno *empresa*.

Por isso, no final do segundo milénio, assistimos à proliferação de centenas de novos tratados, livros e revistas sobre economia, gestão e marketing, e – de forma muito interessante – observamos que as primeiras noções de um novo *superindivíduo* atendem pela denominação de *corporações virtuais*.

Os tratados de livre comércio mundial – uma utopia romântica para *sonhadores* dos anos 1950 e 1960, curiosamente fundamentados nas teses de Ricardo, de princípios do século XIX – revelam a dupla face dessa nova geração: uma luta natural pela manutenção dos grandes conglomerados mundiais e a sua inevitável transformação num organismo de natureza diferente.

Através do automóvel, o *superindivíduo* caracterizado pela *cidade* mudou a natureza da família, enquanto que a televisão mudou a natureza social, pós-família, e assim por diante.

Os satélites de comunicação transformaram o planeta Terra num artefacto humano, produzindo movimentos ecológicos por toda a parte.

Assim, pela primeira vez na História da Humanidade, não faz sentido tratar de cultura local – a não ser como folclore.

Isto significa que os principais fontes energéticas do planeta tenderão, nos próximos vinte anos, a ser transferidas dos países industrializados para os países em desenvolvimento.

Significa também que se continuarmos a emitir poluentes, nos níveis que hoje o fazemos, a Terra estará condenada dentro de apenas vinte e cinco anos!

Em cerca de vinte anos a população mundial deverá duplicar. Todavia, mais de 90% dessa explosão demográfica estará concentrada nos países pobres e 85% da população planetária estará localizada nos chamados países subdesenvolvidos.

Isto significa que, dentro de poucos anos, apenas 15% da população do nosso planeta viverá onde hoje conhecemos como *Primeiro Mundo*!

Cerca de 70% da população mundial consome, actualmente, cerca de um quarto da energia *per capita* que a Europa ocidental e um sexto do que é consumido por pessoa nos Estados Unidos.

Nos últimos trinta anos o consumo de energia pelos habitantes do planeta cresceu cerca de 166%.

Na América do Norte o consumo de energia primária é quinze vezes maior que o consumo em África e vinte vezes maior que o consumo do sul da Ásia.

Actualmente, cerca de 50% da população mundial não possui acesso a qualquer tipo de energia comercial! E isto quer dizer, ainda, que não têm acesso a todos os serviços que tais tipos de energia suportam.

Em dias normais, nas horas de maior fluxo, uma cidade como Lisboa, a velocidade média dos automóveis é de cerca de quinze quilómetros por hora – surpreendentemente próxima da velocidade atingida por um homem ao caminhar a pé.

Tipos de energia não renováveis significam hoje cerca de 97% do consumo mundial. Desse volume energético, cerca de 30% são utilizados em transporte de pessoas – concentrado nos países industrializados.

Tudo indica que, apesar de tais números, as estradas para automóveis continuarão a depender do petróleo pelos próximos trinta anos.

Por isso utilizei a palavra *passo*.

O nosso *passo*, deste novo *superindivíduo* constituído por mais de cinco biliões de habitantes, não é mais o *passo* diacrónico da Revolução Industrial.

O automóvel capaz de atingir duzentos e cinquenta quilómetros por hora de velocidade caminha vagarosamente pelas ruas.

A velocidade instantânea da Polaroid deu lugar à revelação de filmes fotográficos de alta resolução realizados em apenas uma hora. Isto é: a velocidade de uma foto por minuto foi substituída por dezenas ou centenas de fotos por hora. Com a transição para o tempo real do universo virtual, essa escala se expandirá em termos exponenciais.

Deixamos nossa componente nacionalista tribal para assumir uma escala que transcende a cultura local dos nossos antepassados.

Assim, constituímos um universo cuja escala da diversidade cultural, económica e social é absolutamente nova.

Dentro de tal realidade, já não há o *passo* industrial do século XIX.

Matematicamente falando, o *número* resgata a sua componente de qualidade, *topológica* – em detrimento da sua condição especificamente quantitativa atribuída após o Renascimento.

Da mesma forma, a inevitável dependência da ciência à matemática – dependência inaugurada por Isaac Newton e assegurada como dogma pela maioria das instituições académicas do mundo até aos nossos dias – gradualmente perde o seu antigo sentido.

Certamente, nos próximos anos, a biotecnologia e a nanotecnologia tornarão obsoletos os nossos actuais problemas demográficos.

A questão agora não é o futuro, mas sim o facto de vivermos actualmente uma profunda mudança de escala humana.

Uma nova escala que aumenta dramaticamente a nossa diversidade, e que é – portanto – naturalmente rejeitada por grupos de reacção produzindo uma aparente retomada de alguns dos movimentos artísticos, de natureza notavelmente totalitária, ainda que – em certos casos – estejam nostalgicamente disfarçados sob imagens de *retorno* a alguma coisa *nova*!

O argumento do retorno à Natureza e à tradição são, normalmente, os mais utilizados.

Esquece-se, com frequência, que a palavra *tradição*, etimologicamente, também indica *ruptura* e que a palavra *natureza* significa, na sua origem, *nascimento* – um permanente nascimento de novas coisas, uma contínua transformação.

Vários dos movimentos artísticos do começo do século XX foram a última expressão de soberania do antigo *superindivíduo* perante um novo que surgia.

Não havia ainda um eficiente fio condutor, ao nível da informação, para uma superação que produzisse aquele novo *ser*. Assim, o futurismo significou a guerra – antiquíssimo signo humano.

Régis Ferrière demonstrou, certamente pela primeira vez – com o facto de ser o movimento de observação dos pássaros um processo caótico – existir uma nítida relação entre processos caóticos dinâmicos, selecção e sobrevivência.

Assim, o valor adaptativo de uma estrutura caótica – e, portanto, flexível – é reforçado pelo facto de estar integrado num grupo especializado, reduzindo riscos de predação.

Sistemas fechados – ou comunidades fechadas, especializadas e rígidas – têm menos probabilidades de sobreviver e de se desenvolver que comunidades abertas e dinâmicas.

Dessa forma, o caos reduziria o risco de dizimação de uma espécie, desincronizando perturbações aleatórias que afectam uma população local e fechada.

Em nossa escala actual operamos os efeitos produzidos pelo ser humano sobre si próprio, gerando culturas dentro de outras culturas.

Partindo da nossa nova iconologia – e voltando pelo avesso a teoria da formação de *superindivíduos* – passamos a descodificar a nós próprios e a tudo o que nos cerca como conjuntos interactivos de incontáveis seres vivos, em todas as escalas imagináveis.

Tal noção de interactividade é absolutamente contrária a qualquer tentativa de caracterização de um novo super-homem.

Um consórcio internacional utilizará quase dois biliões de dólares para a realização de uma rede de comunicação telefónica celular por satélite, que poderá ser operada em qualquer parte do planeta – foi anunciado ontem. A rede deverá contar com cerca de cinco milhões de utilizadores já nos próximos seis anos. Um número que deverá se expandir à escala planetária.

Não acidentalmente utilizei o termo *passo* no início, quando referi à transição de um sistema a outro.

A palavra *passo* indica em si um critério contínuo, como nas linhas de montagem de uma fábrica.

Como poderiam existir *passos*, enquanto elementos discretos de um sistema linear, em um sistema de tal complexidade?